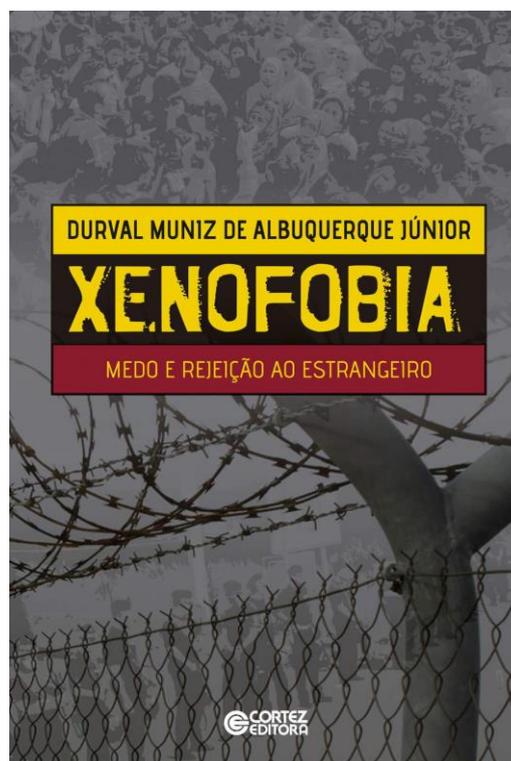


**XENOFOBIA: MEDO E REJEIÇÃO AO ESTRANGEIRO NO BRASIL, DE DURVAL
MUNIZ ALBUQUERQUE JÚNIOR: RESENHA DE UMA LEITURA
COMENTADA**

João Paulo Santos BATISTA¹

Jocnilson RIBEIRO²

Esta resenha resulta da leitura do livro *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro*, do historiador Durval Muniz Albuquerque Júnior como uma das leituras fundamentais sobre os discursos de ódio, discriminação e violência na esfera política no Brasil. Como um aporte bibliográfico para uma pesquisa em nível de Iniciação Científica em curso sobre a constituição de enunciados de teor xenofóbico contra estrangeiros, o objetivo desta leitura é estabelecer uma conexão entre a leitura desse referencial temático e este livro como proposto em plano de trabalho desse estudo. Pretende-se identificar em mídias jornalísticas e em redes



sociais a construção discursiva de diferentes posicionamentos e imagens de *estrangeiridade* e *brasilidade*, aqui compreendidos como o conjunto de discursos sobre brasileiros e não brasileiros vistos ou concebidos como estrangeiros em um dado tempo e espaço.

Antes de passarmos à leitura, vale uma síntese biográfica do autor. O professor e pesquisador Durval Muniz Albuquerque Jr. é autor do livro *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro*, publicado em 2016 pela Editora Cortez, além de um conjunto de trabalhos de referência em diversas áreas das ciências humanas. O historiador é conhecido por seus trabalhos de pesquisa e publicações que abordam relações espaciais, estudos de gêneros,

¹ Graduando em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus São Cristóvão, Bolsistas Iniciação Científica Edital COPES/UFS 2020 no projeto “Vozes em migração: discursos, imagens e representações de estrangeiridade/brasilidade”, coordenado pelo professor Jocnilson Ribeiro.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor Adjunto na Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus São Cristóvão, ORCID: 0000-0001-8716-5059.

estudos de identidade, estudos foucaultianos, história política, geopolítica e representações do Nordeste e do povo nordestino. É professor titular do departamento de história da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), doutor em história social pela Universidade de Campinas (UNICAMP) com pós-doutorado pela Universidade de Barcelona. Albuquerque Jr. é autor de diversos artigos, ensaios e livros, entre os quais se tornaram clássicos com várias edições as seguintes obras: *A invenção do Nordeste e outras artes* (Cortez, 1999), *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia* (Cortez, 2007), *Nordestino: invenção do 'falo' - uma história do gênero masculino* (Intermeios, 2013).

O livro *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro* é dividido em dez capítulos, nos quais Albuquerque Jr. analisa cuidadosamente os temas da intolerância, agressão e rejeição a estrangeiros, refugiados, migrantes e sujeitos em trânsito em um campo social amplo, discutindo aspectos que vão desde a mudança de grandes populações para outras regiões dentro de um país ou de vários países até o ato xenófobo individual, institucional ou cometido por grupos. Para suas análises, o autor utiliza reportagens, notícias e acontecimentos reais, disseminados pela mídia mundial, como ponto de partida de cada tema que o autor passa a aprofundar como um problema histórico e social que nos acomete em escala global e local produzido por crises humanitárias e políticas.

Esse modo de organização, no qual se pontuam fatos sobre migração, notícias divulgadas mundialmente sobre o tema e depois se discorre o que estrutura os mais variados problemas ligados ao preconceito contra o estrangeiro permeia todos os capítulos. Nesta resenha, procura-se dialogar com o trabalho de pesquisa em curso sobre xenofobia, localizado temporal e geograficamente entre o golpe que culminou no processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff (2016) até os dias atuais e as imagens de *estrangeiridade* e *brasilidade* produzidas nesse mesmo período no Brasil. Assim, o livro do professor Albuquerque Jr. não será dividido por capítulos, mas por pontos confluentes entre a pesquisa e os temas abordados pelo autor. Ligando as discussões mundiais sobre migração ao contexto brasileiro e em como discursos extremamente nacionalistas e conservadores são produzidos contra estrangeiros no país.

A obra, brilhantemente trabalhada pelo professor, retrata um dos maiores problemas contemporâneos com maestria, a xenofobia contra o estrangeiro, o trato da globalização e o grande fluxo migratório como um tema essencial na discussão atual, que revitaliza o debate sobre a imensa desigualdade social, a violência aos povos flagelados pelas guerras, o racismo

e a desumanização de pessoas que precisam se locomover para se sentirem seguras ou terem seus direitos básicos, como saúde e educação, reconhecidos.

Seu trabalho analítico identifica a forma dramática com que guerras, conflitos espaciais, políticos e religiosos criam tensões entre povos que dividem um mesmo território, aumentando, assim, a pobreza e a insegurança entre populações que migram para outros espaços em busca de sobrevivência e proteção a seus filhos ainda indefesos, bem como uma vida melhor em situação de paz, dignidade humana, liberdade política e gozar de seus direitos jurídicos. Apesar da facilidade de aparente mobilidade atual, com transportes rápidos e até seguros, enfrentam, no entanto, viagens desgastantes, perigosas, exposição a tráfico e contrabandos de pessoas e, por vezes, trânsitos mortais, viabilizados, muitas vezes, por atravessadores que pedem grandes quantias de dinheiro e se aproveitam daqueles que já se encontram muito vulneráveis e em situações desumanas.

Nesse processo, segundo Albuquerque Jr., incluem-se imigrantes em situação legal, os nomeados “sem documentos”, os que não se encontram em legalidade e os refugiados, que pedem refúgio em outros países por não se sentirem seguros em sua terra natal, seja por perseguição política, religiosa, seja por preconceitos e outros tipos de violências. Ainda, assim, as leis que protegem os imigrantes costumam ter muitas falhas ou não são bem aplicadas, o que acaba atrapalhando o processo de integração social e correto acolhimento do estrangeiro.

Conflituosamente, apesar das imensas fragilidades sociais daqueles que enfrentam longas viagens, se separam de entes queridos, amigos e familiares, que deixam sua cultura e bens para trás e todas essas situações serem já muito difíceis de lidar, ao chegarem em outros países, muitos estrangeiros ainda passam por situações de rejeição em diversos níveis. Há casos institucionais e políticos, como por exemplo, quando se cria um caminho paralelo aos princípios constitucionais (portanto, antidemocráticos), pauta da extrema-direita nacionalista, promovendo bandeiras alinhavadas pelos discursos de ódio, discriminação e demais tipos de violência contra os povos que, por inúmeras razões, migram em busca de uma vida melhor e as individuais, também influenciadas por esses discursos.

Para o historiador, conceitualmente a xenofobia implica em delimitar espaços e territórios, criar um dentro e um fora, um pertencente e um não pertencente, seja de forma simbólica ou física, como é o caso das fronteiras geográficas e territoriais. O estrangeiro é tratado como o “outro” estranho e vindo de fora, de um não-lugar, que difere dos de “dentro”; ele é estranho por sua língua, sua cultura, seus costumes, sua fé, é estranho por vir de outro

espaço, do distante ou inominável. É nessa concepção que o historiador analisa a própria palavra que, desde a antiguidade grega, se nomeia aquele que vem de outro lugar, o que chega. Em sua etimologia, xenofobia tem origem na língua grega. A palavra é a junção de *xénos* (estranho, estrangeiro) e *phobos* (medo, fobia, aversão, repulsa), que caracterizam o medo, a rejeição e a aversão ao estrangeiro ou aos que não pertencem à mesma terra, à mesma nação, nem compartilha a mesma língua, hábitos, religião e costumes.

O professor explica que nem sempre quando um homem vê outro homem enxerga sua humanidade ou semelhança, a depender de seus traços, formas, cores, o que usa como vestimentas ou adornos, seus gestos e o que mais lhe marcar como pertencente a outro grupo, comunidade ou cultura, o fará, a partir do olhar de quem se julga pertencente aquele espaço, destituído de humanidade. Por isso, a rejeição ou ojeriza a quem é visto como diferente, estranho, de outra nacionalidade ou grupo cultural é um dos maiores problemas da atualidade, pois a criação de uma superioridade em relação àqueles que vêm de “fora” cria uma hierarquia simbólica que se torna política, física, desumanizadora e impede o outro de se integrar, criando contra ele barreiras simbólicas, entraves político-ideológicos ou muros físicos.

A distinção dos corpos pelo Estado e o sentimento de nacionalismo exacerbado são outros fatores que, para Albuquerque Jr., causam xenofobia em diferentes países na esfera global. Assim, como Michel Foucault nomeou o poder do Estado de gerir corpos como a *biopolítica* (FOUCAULT, 2008; 2015), educando e fazendo-os produtivos para o capital, o historiador registra como essas relações classificam, hierarquizam e produzem distinções entre os corpos.

Ao proporem políticas de Estado ou ao se aplicarem-nas unicamente para seus cidadãos nacionais, os Estados autoritários e (ultra) nacionalistas, por exemplo, excluem direitos constituídos pelos códigos internacionais e submetem os estrangeiros à exclusão social e às macro/microviolências, estas últimas legitimadas pelos discursos, pela linguagem e pelos códigos que naturalizam a retórica da exclusão de sujeitos em trânsito.

Nesse interim, discutem-se o etnocentrismo e o sentimento comum de colocar a sua sociedade como superior, sua cultura como a melhor e a mais civilizada, seus costumes como normais e suas crenças e religiões como verdadeiras. Assim, rejeitam-se as complexidades e as diferenças culturais do outro, enaltecendo seu grupo, único e melhor em relação aos e em detrimento dos demais estrangeiros, produzindo a *alterofobia*, ou seja, a rejeição, o ódio

e a discriminação ao outro simplesmente pela sua diferença e não pertencimento ou partilha ao mesmo grupo social.

Ao mesmo tempo em qual o historiador discute *a rejeição e o medo do estrangeiro*, ele revela também o fascínio e o desejo por aquele que é tido como exótico, produzindo, muitas vezes, o fetichismo de seus corpos, o que bem discute a psicanalista argentina Mirta Goldstein em seu livro *Xenofobias, terror y violencia: erótica de la crueldade* (Lugar editorial, 2006). A ligação entre a recusa e a atração, que tem convergência direta com a erotização do corpo do outro, vem desde o período colonial, por exemplo, que destituiu corpos negros de sua humanidade e os violou com estupros, sujeição desumanizadora, animalização com exposições humilhantes e agressões nos pelourinhos e demais espaços públicos.

Posteriormente, no decorrer do desenvolvimento da obra, o pesquisador utiliza como sujeitos de análise os *ciganos*, que costumam ter atividade e comportamento nômades, a exemplo de como são utilizados estereótipos e imagens de controle. A ideia de que os ciganos são descendentes de Caim, o filho assassino de Adão e Eva, segundo o autor, atua diretamente na construção depreciativa do Outro, que em narrativas comumente estigmatizadas expressam e disseminam preconceito e aversão aos povos ciganos. Eles são comumente fantasiados em histórias, contos e demais ficções literárias como tendo sido “aqueles que fabricaram os pregos na crucifixão de Jesus”. Esse tipo de enunciado, bem sabemos, colabora muito na confecção de estereótipos e monumentalização de sentidos materializados na língua, produzindo efeitos catastróficos contra o outro, remontando séculos, como sendo uma “verdade bíblica” e, por isso, dogmática e divina.

Em sentido inverso ao modo de vida dos ciganos, Gilles Deleuze e Félix Guattari, filósofos franceses citados no trabalho do professor Albuquerque Jr., retratam a dificuldade humana de se viver em um espaço aberto, sem demarcações, sem denominá-lo ou produzir símbolos de posse sobre o território. Para ambos, o juízo de domínio é inerente à maioria dos seres humanos, influenciados pela mídia, pelo Estado, pelo sentimento nacionalista.

Consequentemente, ao criarem postulados de dominação de um território, a ideia de invasão se firma para aqueles que vêm de fora ou não pertencem àquele mesmo grupo. Nesse sentido, o autor discute as *Indesejáveis misturas*, tema de um de seus capítulos, retratando extremos desse sentimento, como a visão do estrangeiro como ameaça, invasor de seu território e ademais como aquele que pode disputar direitos, como o trabalho, destruir sua

cultura ou, ainda, trazer perigosas doenças à família, aos costumes, à tradição, à língua e aos bens simbólicos vistos como garantia de homogeneidade ou “unidade nacional”.

O autor lembra ainda que os tipos ou intensidades da xenofobia podem variar a partir de uma série de fatores, como localidade de onde o estrangeiro vem, se ele aprendeu ou não a língua local, seus traços fenóticos, à exemplo da cor da pele, sua condição socioeconômica, seus interesses no país em que reside, entre outros.

Na sequência, Albuquerque Jr. discute a apropriação desse sentimento hierárquico, entre o nacional e o estrangeiro, pelo capitalismo, sistema que se aproveita da vulnerabilidade dos imigrantes para lucrar, compactuando com empresas que pagam salários mais baixos, condições de trabalho precárias e quantidades de horas maiores que as postuladas legalmente. Não é raro o noticiário no Brasil apontar acontecimentos envolvendo trabalhadores imigrantes em condições análogas à escravidão e sob privações de direitos humanos como analisa Daniel Pitz (2016). Logo, a dúbia relação entre xenofobia e *aporofobia*, que é o medo, discriminação, desprezo ou rejeição de pessoas pobres ou à pobreza (termo cunhado pela filósofa Adela Cortina, 2017), está diretamente ligado aos conflitos de classes, já que a classe média rejeita a classe trabalhadora criando-lhe barreiras e obstáculos, como sua mais próxima; e a classe mais abastada (a *burguesia*, em termos marxistas) utiliza desse mecanismo para se manter no topo de uma estrutura social que privilegia os seus em detrimento de outros.

As fronteiras erguidas entre países vizinhos, muros e a popularização de visões estritamente preconceituosas contra imigrantes, estimuladas por políticas e gestores públicos, virou outro meio comum usado como mecanismo de conquista de votos, apoio e populismo. O tema estrangeiro virou pauta política entre aqueles que defendem uma melhor integração entre os nacionais e os que migraram de seus países, e os que os rejeitam, criando embates e estimulando rivalidades, discurso de ódio e agressões. No Brasil, por exemplo, com a chegada de povos venezuelanos provocada pela crise político-econômica naquele país, inúmeros casos de violência, discriminação de várias ordens e discurso xenofóbico, passam a ser denunciados pelas vítimas e ONGs e noticiados em mídia nacional, regional e fronteira.

Segundo dados de tendências globais do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR)³, em 2014, cinquenta e quatro milhões de pessoas tiveram que

³ Disponível em:

https://doar.acnur.org/acnur/coronavirus.html?utm_campaign=BR_PS_PT_general_UNHCR_CoreBrand&gc

deixar seus locais de moradia, nos lembra o historiador. O relatório ainda afirma que 86% dos refugiados vivem em países em desenvolvimento, sendo a Síria, o Afeganistão e a Somália os maiores números em nacionalidades que se encontram em situação de refúgio, dados esses, discutidos no livro de Albuquerque Jr. para um entendimento mais claro sobre tais números e suas consequências sociais. Hoje, seis anos depois, estes números são desanimadores, dado que tem aumentado.

No caso do Haiti, por exemplo, país que hoje sofre um grande fluxo migratório, atravessado por conflitos políticos, sociais e catástrofes naturais e que tem como um dos principais destinos de seus cidadãos o Brasil, em uma relação historicamente construída por projetos humanitários e similaridades culturais, como o gosto por futebol e novelas de TV brasileiras, fazem de um país em desenvolvimento seu novo lar, buscando condições de uma vida mais digna e segura.

Com a leitura do livro de Albuquerque Jr., podemos reconhecer diferentes casos de violência de alteridade no Brasil. No país conhecido pelo “mito da hospitalidade” e por sua mistura de nacionalidades promovida pelo processo histórico de colonização, constrói-se um ideal imaginário de uma terra de liberdade, com menos preconceito e grande acolhimento, o que não se define como verdade absoluta, mas como discursos que relavam nossa própria contradição histórico-cultural, posto que a própria sociedade brasileira é constituída desde sua invenção pela estrangeiridade, migração e diversidade, sob a retórica, dispositivos e instrumentos de violação do outro. Em um país extremamente preconceituoso e marcado pelo racismo estrutural, caracterizado por uma secular violência contra os povos indígenas, com ondas de conservadorismo cada vez mais fortes e políticas públicas falhas em sua aplicação tanto para imigrantes e quanto para refugiados, veem-se altos números de ataques, preconceitos e agressões aos negros, aos povos indígenas e imigrantes da América Latina, Caribe e África.

O trabalho do grupo de pesquisa imaGine – orientado e desenvolvido pelo professor Jocenilson Ribeiro, junto à alunos da graduação e pós-graduação, em torno das questões de discurso, linguagem e representações de estrangeiros no Brasil, glotofobia, xenofobia e ódio ao estrangeiro – abarca à discussão desses temas no campo social, histórico e discursivo, analisando discursos em mídias jornalísticas e redes sociais que se caracterizam como práticas discursivas de teor xenofóbico. As análises em curso se voltam para a materialidade

<https://doi.org/10.15406/entheoria.v08n01.00185>
www.entheoria.com.br/index.php/entheoria/article/view/185. Acesso em: 30 out. 2020.

da língua e da imagem por onde circulam, mas também se explicitam pela expressão e pela tentativa de apagamento de discursos xenófobos. Colocam-se, pois, em pauta todas essas questões da ordem dos discursos xenofóbicos produzidos por brasileiros em relação a sujeitos estrangeiros e seus variados aspectos para responder às questões sobre a natureza e as condições de emergência desses discursos, sua manutenção e permanência no imaginário coletivo.

Nesse sentido, em um subtema decorrente do grupo de pesquisa, com o título *Xenofobia contra estrangeiro na mídia jornalística: a constituição dos enunciados de teor xenofóbico* se encontra em curso a pesquisa, de caráter qualitativo, sobre discursos xenófobos postos em circulação pela mídia, vendo que tal ideário conservador, no Brasil, vem ganhando espaço na lacuna criada pelas crises das velhas esquerdas e nas esquerdas mais recentes. A pesquisa ainda procura desmistificar o mito da cordialidade brasileira (HOLANDA, 1995) que acaba impedindo um debate importante de se disseminar e construir seus potenciais de mudança, pois, se nomeia e se reconhece um problema para que ele seja caracterizado e se ponham em pauta práticas de mudança social, o que não pode ocorrer se o problema for ignorado. Nesse sentido, o livro *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro* é uma obra orientadora por se colocar como uma referência em síntese dos últimos acontecimentos em repercussão mundial, quando o autor analisa cada acontecimento como apenas a ponta do *iceberg*. O livro nos dá pistas das regularidades enunciativas, permite reconhecer os discursos e regimes de verdades que, historicamente, estiveram na base de discursos xenofóbicos, mas ao mesmo tempo funciona como binóculo cujas lentes ampliam nosso olhar para compreender a filiação histórica com outros discursos de violência, a exemplo do racismo, do sexismo, da misoginia, a homofobia, a islamofobia ou o antissemitismo.

Por fim, reconhecemos a importância do trabalho de Durval Muniz de Albuquerque Jr., particularmente nessa obra, para essa pesquisa e para a nossa formação, de modo geral, nesse amplo debate que compete à busca de um olhar sensível aos estrangeiros – com base nos direitos humanos e nos direitos civis e jurídicos – que aqui chegam. Muitos deles se deslocam voluntária ou forçadamente em busca de uma vida melhor distante de violências, de conflitos e de inúmeras discriminações. Eis que devem ser protegidos e acolhidos em seu processo de integração em uma outra comunidade. Assim, muitas vezes se veem na própria história de um Brasil constituído por processos migratórios desde o século XVI, sem avaliar o nível de esquecimento de sua memória, por vezes latente na própria *brasilidade*, a começar

pela memória dos povos originários violados desde a chegada dos europeus nas Américas e que até agora são discriminados e vítimas de discursos discriminatórios até pelo atual Presidente da República: “*Bolsonaro flerta com xenofobia, ao culpar índios e caboclos por queimadas*”⁴.

⁴ Disponível em: https://www.em.com.br/app/colunistas/luiz-carlos-azedo/2020/09/23/interna_luiz_carlos_azedo,1188002/bolsonaro-flerta-com-xenofobia-ao-culpar-indios-e-caboclos-por-queima.shtml. Acesso em: 30 out. 2020.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro*. São Paulo: Cortez, 2016.

CORTINA, A. *Aporofobia: el rechazo al pobre: un desafío para la democracia*. Barcelona: Paidós, 2017.

FOUCAULT, M. *Nascimento da Biopolítica*. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GOLDSTEIN, M. *Xenofobias, terror y violencia: erótica de la crueldad*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PITZ, D. O trabalho de imigrantes no Brasil em condições análogas à escravidão e as medidas adotadas para sua erradicação e garantia dos direitos humanos fundamentais. *Revista Jurídica da Universidade do Sul de Santa Catarina*, n. 12, jan./jun., 2016.

Disponível em:

http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/U_Fato_Direito/article/view/3601/2572

. Acesso em: 30 out. 2020.